

O LIVRO ESTRANGEIRO DA SEMANA

A TENTACÃO DO OCIDENTE de André Malraux

A *Tentação do Ocidente* é um livro demasiadamente importante e representativo da moderna cultura ocidental para que seja legítimo preterir-o por qualquer outro, na ocasião em que é oferecida ao público a sua tradução portuguesa. Foram precisos quase quarenta anos (de 1926 a 1964) para que a *iss*, se decidisse uma editora nacional: Livros do Brasil, Lda., a cuja particular persistência já devíamos a aparição de alguns outros fundamentais livros de Malraux: *A Condição Humana*, *Os Conquistadores*, *Estrada Real* e *As Vozes do Silêncio*.

Por certo que *A Tentação do Ocidente* não é um livro fácil, apesar da sua aparente e cristalina simplicidade e estrutura; seis cartas que um «senhor A. D. francês, de vinte e cinco anos de idade, possuidor de alguns conhecimentos de obras chinesas» escreveu a «Ling-W Y., chinês, de vinte e três anos atingido pela singular cultura ocidental cultura unicamente livresca que afecta muitos dos seus compatriotas», cartas essas intercaladas por nada menos que doze «que este último endereça ao primeiro. De que tratam e significam essas cartas? Vou tentar dar uma resposta muito sumária que possa servir de ligeira introdução à sua leitura e se proporá unicamente esclarecer aqueles leitores não-iniciados que pretendam possuir uma pequena chave para entenderem um pouco melhor esta obra de Malraux, que, como as cronologicamente antecedentes, *Lunes en Papier* e *Royaume Farfelu* (esta última só em parte o é), se podem considerar pontos de partida «básicas» de toda a obra malrauxiana.

Desde *Royaume Farfelu*, Malraux vive dominado pela crise da civilização europeia. Mais: pelo fantasma da destruição ou da decadência dessa civilização. Charles Moeller, ao comparar textos de Valéry e de Malraux, mostra como o primeiro terá influenciado o autor de *A Condição Humana*. Citamos este texto de *Variété-I*, para o qual solicito a cuidadosa atenção do leitor: «Nos outras civilizações sabemos agora que somos mortais. Tínhamos ouvido falar de mundos desaparecidos por completo, de impérios postos a pique com todos os seus homens e engenhos; submersos no fundo inexplorável dos séculos com seus deuses e suas leis (...). Elam, Ninive, Babilónia eram belos nomes vagos e a ruína total desses mundos tinha tão pouca significação para nós quanto a sua própria existência. Mas França, Inglaterra, Rússia... serão também belos nomes. Lusitânia é também um belo nome. E verificamos agora que o abismo da história é suficientemente grande para todo o mundo». A sugestão das civilizações desaparecidas! Em *Royaume Farfelu* lê-se: «Príncipe fui a Babilónia, a deserta... a cidade nada mais é do que poeira...». A civilização europeia acontecer-lhe-á o mesmo? Ora lê-se em *A Tentação do Ocidente*: «Europa, grande cemitério onde dormem apenas conquistadoras mortas».

Quando à fascinação das civilizações desaparecidas, observe-se que Lucien Goldmann, numa recente *Introduction à une étude structurale des romans de Malraux*, salienta que há uma imagem-chave nos primeiros escritos deste autor: «a dos deuses que reinavam outrora escondidos nos templos, caves ou subterrâneos, e que, saídos por ocasião de um incêndio, se tornaram simples brinquedos mecânicos». A morte dos deuses simboliza, de certa maneira, a morte das civilizações, o aniquilamento dos valores, a negação de uma transcendência. Segundo o mesmo Goldmann *Royaume Farfelu*, *Lunes en Papier* e *La Tentation de l'Occident* afirmam a «morte dos deuses» e a «decomposição universal dos valores».

Com efeito, na Idade Média, o homem europeu girava em torno de um valor transcendente: Deus, Deus é deus escamoteado surgindo em sua substituição valores de nível individualista. Quando homens como Valéry ou Malraux acordam para o mundo verificam que, afinal, o individualismo está em crise. Por isso, o crítico inglês Cecil Jenkins, a quem se deve um lucidíssimo estudo sobre o autor de *A Condição Humana*, observará: «A verdadeira tragédia para Malraux é a morte de Deus e a morte do indivíduo». Isto explica a frase que o chinês Ling dirige ao francês A. D. n' *A Tentação do Ocidente*: «para vós a realidade absoluta foi Deus, depois o homem, mas o homem, como Deus, morreu». E outra passagem: «Para destruir Deus, e depois de o ter destruído, o espírito europeu aniquilou tudo o que tivesse sido o homem: chegou ao termo dos seus esforços, como Ranção perante o corpo da sua amante, o que ele encontra é a morte. Depois de ter aniquilado Deus ou os deuses, está com que sim-

plexo o homem (europeu) se estreitou a si próprio!», exclamará Ling; mas os europeus (acrescenta) cansaram-se do individualismo ou da exaltação dele. Daí a tendência para saírem de si mesmos: «Não há mundo imaginário à conquista do qual não se esforcem hoje na Europa os artistas inquietos», diz ainda o interlocutor chinês d' *A Tentação do Ocidente*.

Perante a morte universal dos valores (em primeiro lugar: Deus e Homem), André Malraux aspirará em *Royaume Farfelu*, assim no-lo assinala Goldmann, «a um valor desconhecido e incognoscível» que é simbolizado pela Princesa da China. Aspiração romântica de um homem perante uma civilização ameaçada; que aquilo que ainda



ANDRÉ MALRAUX

subsiste «define-se (no Malraux da primeira fase) pela consciência da sua destruição futura».

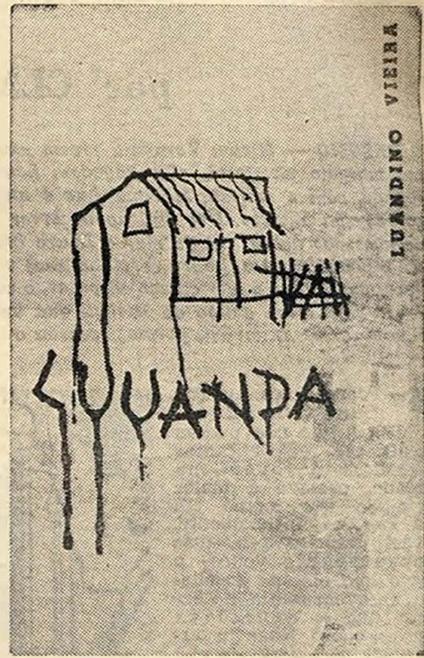
Eis o que estará na base da procura malrauxiana de novos valores, de uma nova transcendência. (Cecil Jenkins: «o nosso tempo será um negro e irreal intervalo entre o Cristianismo e a próxima religião universal»). Voltaremos a esta pergunta). A verdade é que Malraux tenta superar o seu pessimismo de raiz, talvez herdado de Valéry, lançando-se à procura de valores humanistas. Assim se explica a sua inquietação, activamente presente em alguns «teatros da História» do seu tempo, de que é prova cabal *La Condition Humaine*, *Les Conquérants*, *L'Epoir*. Por tal motivo, ultrapassará esse pessimismo, transformando-se no verdadeiro protótipo do escritor *engagé*. Um *engagement*, aliás, que o não privou de um interrogar metafísico, pois a solidariedade militante dos homens nas lutas da História não o exclui necessariamente. Ao tornar-se na Testemunha Absoluta (*the Absolute Witness*, designação de Jenkins) dos maiores acontecimentos históricos do seu tempo, que procura se não outros valores?, valores que não sejam Deus ou o Homem isolado? (Ouçamos o chinês a troçar do europeu: «fruo um gozo raro ao meditar na vossa caça ao indivíduo», e contrapõe este tipo de *sabedoria*: «a suprema beleza da civilização é uma atenta incultura do eu»).

Acaso Malraux terá acabado por descobrir esses novos valores? A verdade é que Léon Blum ao concluir um comício político mandou os auditores para casa ler *A Condição Humana*. Estarão esses valores neste livro? Mas Malraux anos mais tarde no seu discurso da sala Plevel (1948) dizia de novo: «o drama da Europa de hoje é a morte do homem», e sobretudo isto que é tão inquietante e foi declarado à revista *Time*, em 1955: «A tarefa do século próximo será a de redescobrir os seus deuses». A procura de uma nova transcendência? Acreditará hoje de facto Malraux, e voltamos à pergunta de Jenkins, que o nosso tempo seja um negro e irreal intervalo entre o Cristianismo e a próxima religião universal?

Sim: *A Tentação do Ocidente* representa um momento importante da cultura europeia: o momento em que esta, tomando consciência da sua crise, se põe em paralelo com outra cultura (a do Oriente), a qual, por sua vez, embora por outro motivo, se encontra também em crise. Ora sentindo mais que nunca a Europa em xeque pelo

seu próprio Destino, ou por qualquer bárbarie, melhor: receoso de a Europa poder vir a ser uma nova Babilónia deserta, de que só poeira reste, como aquela que é evocada em *Royaume Farfelu*, talvez por isso Malraux se tenha, em certo sentido, feito Procurador com de Gaulle, da defesa da civilização ocidental, da Europa, o que explicará possivelmente uma aliança singular. Não deixa, todavia, de não ser contrastante e sugestivo o facto de um escritor como Sartre, ao descobrir, do mesmo modo, como Gide e Malraux, a falência dos valores individuais, e, ao reagir contra o individualismo, haver escrito (*Les Mouches*): «A liberdade humana só se torna útil e eficiente quando se compromete, quando aceita as suas responsabilidades na acção colectiva que cada época exige daqueles que a vivem».

Pergunto: não será esse compromisso a verdadeira transcendência que é preciso procurar? Não será esse compromisso a própria transcendência? Superar-se como indivíduo, superar-se pelo e no compromisso não será essa a salvação do «impasse» em que qualquer homem ocidental possa sentir-se muito legitimamente mergulhado, mesmo que esse homem seja um homem de génio como Malraux? Mas Malraux também já encontrara essa transcendência no compromisso, e se hoje continua a procurá-la (?) é porque o Malraux de hoje não é o de ontem. Prefiro o de ontem, e agradeço-me, sem dúvida a fórmula de Vergílio Ferreira: «Malraux é póstumo a si mesmo».



A capa do livro de Luandino Vieira

O LIVRO PORTUGUÊS DA SEMANA

LUANDA de Luandino Vieira

Luanda, colectânea de três novelas do jovem angolano Luandino Vieira, surge-me, de uma pilha de livros, em modestíssima edição de autor. Traz uma cinta: «Prémio Mota Veiga». Não sei francamente de que prémio se trate. Um prémio local de carácter particular? De Luandino Vieira nada mais me recordo conhecer se não um poema inserido no livro *Poetas Angolanos*, antologia da Casa dos Estudantes do Império, com prefácio de Alfredo Margarido. Um poema que tem por título *Canção para Luanda*.

E com cepticismo, pois, que abro o seu livro de contos, ou melhor, «estórias», como lhes chama (o grande escritor brasileiro João Guimarães Rosa serve-se também de designação idêntica), o cepticismo de quem nada espera encontrar de novo, ou, pelo menos, de bom nível, a não ser por milagre. E que milagre se deu! Lido o primeiro extremamente sugestivo parágrafo de uma «estória» intitulada *Vavó Xizi e seu neto Zeca Santos* não mais parei até esgotar as cem (para mim «maravilhosas») páginas que constituem na aparência modestíssimo livro de Luandino Vieira.

Três histórias que são — tão-sómente no meu modesto juízo que não pretendo sobrepor-se ao dos mais competentes e ao do tempo — três obras-primas do nosso conto contemporâneo, e a enorme e imprevisível revelação de um escritor de sensibilidade excepcional e de notável capacidade de criação de um estilo: o estilo que resulta da sapiente fusão de regionalismos e latinismos (da mesma forma que Guimarães Rosa), o estilo que deriva de uma linguagem onde as tropelias fonéticas, sintácticas e semânticas sofridas pelo português em contacto com os linguajaros tradicionais autóctones são aproveitadas de maneira superior para a obtenção de uma «escrita» que, durante a leitura, me foi, quase sempre, motivo de admirada e deleitada surpresa.

A primeira das «estórias», cujo título já referi, fala-nos de Vavó Xizi Hengele, a velha dona Cecília Bastos Ferreira, que vive numa cubata com seu neto Zeca Santos. A minguia de tudo o magrízela do rapaz percorre a Baixa, à procura de trabalho. Inútil. A velha, cheia de fome, quase se envenena com bolbos de dália encontrados no lixo, enquanto o neto Zeca Santos, vaidoso na sua camisa amarela, em que sacrificou o último ganho, persegue Delfina. Que magnífica e objectiva reconstituição plástica da vida do musseque luandense, da sua atmosfera, da sua chuva ou ausência de chuva, do seu vento («nessa hore de quase cinco horas, as folhas xaxulhavam baizinho e a sombra estendida estava boa, fresca, parecia era água de muringues»), do seu anoitecer de seus estômagos vazios e de seu futuro sem esperança («Depois nada mesmo que ele podia fazer já, encostou a cabeça grande no ombro baixo de vavó Xizi Hengele e desatou chorar um choro de grandes

soluços parecia era monandengue, a chorar lágrimas compridas e quentes que começavam correr nos riscos teimosos as franjas já tinham posto na cara dele, de criança ainda»). Sou de opinião que Luandino Vieira revela nesta «estória» aparentemente banal, um talento que, entre nós, é raro.

Mas é n' *A Estória do Ladrão e do Papagaio*, que desde já considero digna de figurar sem desdouro ao lado das melhores de Jose Cardoso Pires de *Jogos de Azar*, ou das melhores de Manuel da Fonseca de *O Fogo e as Cinzas* (e que maior elogio poderia eu fazer-lhe?), é nessa «estória» que Luandino Vieira nos dá prova das suas extraordinárias possibilidades. Não exagero: as páginas (cerca de trinta) que vão desde a conversa de Xico Futa até ao final do conto são verdadeiramente excepcionais. Profunda humanidade no «toque» das figuras, riqueza de anotação psicológica, humor, um certo sentido para significar tudo plasticamente, eis algumas das «armas» com que o jovem angolano nos dá a vida dos «ladrões de galinhas» que são Lómelino dos Reis, «dos Reis para os amigos e ex-Lólo para as pequenas» e do coxo Garrido Fernandes Kam'tuta. O mesmo pano de fundo da «estória» anterior: o mísero musseque luandense, depósito de uma subhumanidade que também quer viver. A par destas figuras, outras não menos sugestivas e significativas que dificilmente esquecerem.

O livro fecha com *A Estória da Galinha e do Ovo*, onde Luandino Vieira entra a fundo na recriação romanesca dos «figurantes» do musseque. Mais uma vez se comprova a facilidade do jovem angolano em insuflar vida autêntica nos mais insignificantes comparsas dessa fauna negra e mulata e até se verifica que é dotado de quase instinto na reconstituição do dinamismo próprio dos ambientes evocados, acompanhando-lhes a velocidade e o ritmo próprios (ou pelo menos disso nos convence).

Luanda: eis, pois, um livro que vivamente recomendo. A minha opinião tão favorável será fruto de um entusiasmo passageiro e infundamentado? Creio que não: os valores plásticos e estilísticos estão à vista. E quando são tão notórios como no caso deste para mim *livro-surpresa* parece que não haverá grande margem para se incorrer num erro crasso de juízo. Se há, porém, do meu lato entusiasmo a mais, o tempo me dirá (ou as racionadas críticas alheias)

Entretanto: que um editor da Metrópole se abalance a editar o livro completo, pois uma nota impressa no Interior. Informa-nos que, devido ao regulamento do prémio com que foi distinguido, só três «estórias» num total de cerca de dez é que foram publicadas. Espero que esse editor apareça, mas desde já garanto que não tenho qualquer procuração do autor. Pessoa que nunca vi nem mais gorça nem mais maíra.